

Preços disparam. E o Governo não consegue reagir

JOYCE JANE

Atrégua que o ministro da Fazenda, Paulo Haddad, precisa para resolver os problemas da economia se tornou mais distante com a performance do presidente Itamar Franco na última semana que, com informações descontraídas e desmentidos constantes, só fez adubar o terreno para mais inflação. Nos números, o ministro também não encontra conforto: a mudança na política salarial deve fazer o salário médio crescer 20% (reais) em relação ao semestre passado; há US\$ 5 bilhões a

mais das exportações circulando na economia e os empresários estão aproveitando o aquecimento do consumo para aumentar preços. Resultado: a inflação está fugindo ao controle.

Até agora o Governo não apresentou instrumentos convincentes para enfrentar a disparada dos preços. Para o economista Paulo Mallmann, diretor do BMC e que já foi do Ministério da Fazenda na época do ministro Dornelles, não há dúvidas de que os empresários estão fazendo uma corrida contra o tempo para lucrar o máximo enquanto podem.

— Os empresários, que estão sentindo a pressão do consumo, aumentam os preços porque não sabem se é um movimento fugaz ou permanente. Aumenta o lucro e não investe exatamente porque não sabe se isso se mantém. Todo mundo vira especulador porque não há nenhum sinal de estabilidade na economia — afirma.

O diretor do BMC alerta que nos primeiros dias de janeiro as aplicações financeiras tiveram juros positivos, o que conteve inicialmente a remarcação dos preços. Mas, passados alguns dias, os empresários começaram a perceber que as aplicações não garantiriam

qualquer ganho acima da inflação. Uma parte das empresas, então, passou a investir em seus próprios produtos, que estavam se valorizando mais nas prateleiras, aumentando estoques e provocando mais inflação.

Porém, se política monetária sozinha dopasse o dragão da inflação, o Governo Sarney (em seu último ano) e o Governo Collor (no início do ano passado) teriam trabalhado com taxas inflacionárias negativas, já que nessas épocas os juros reais chegaram a uma média de 40% ao ano. Mas, na falta de um remédio mais eficaz, funciona como um analgésico.